

Breve apontamento sobre a poesia de Gonçalo M. Tavares

António Manuel Ferreira

Universidade de Aveiro

1. Gonçalo M. Tavares nasceu em 1970. O seu primeiro livro publicado – *Livro da Dança* -, data de 2001. Entretanto, já havia ganho o Prémio Revelação de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores, em 1999, com o volume *Investigações. Novalis*, que viria a ser editado em 2002. Ainda em 2002, o escritor publicou mais três obras: *O Senhor Valéry*, *O Homem ou é Tonto ou é Mulher* e *A colher de Samuel Beckett*. Tanta obra em tão pouco tempo é um feito admirável. Na verdade, Gonçalo M. Tavares não surge como um escritor incipiente; a aura de “jovem escritor” é apenas um efeito da edição em livro. A sua escrita evidencia uma apreciável maturação estética, reveladora de um demorado processo de experimentação e aprendizagem. Talvez por isso, a sua obra já tenha sido premiada duas vezes: além do Prémio da APE, Gonçalo M. Tavares recebeu também o Prémio Branquinho da Fonseca, da Fundação Calouste Gulbenkian e do jornal Expresso, atribuído ao livro *O Senhor Valéry*. Note-se ainda que o autor tem sido contemplado com as atenções encomiásticas da crítica especializada. Assim, segundo Eduardo Prado Coelho, estamos perante «a mais importante revelação literária em 2002», e Pedro Sena-Lino fala, sem receio, de «um dos maiores poetas para o século XXI».

Talvez seja ainda um pouco cedo para vaticínios tão peremptórios, mas Gonçalo M. Tavares é, indubitavelmente, um dos escritores mais originais da literatura portuguesa contemporânea. A relevância da sua voz criativa manifesta-se não apenas na segurança de um discurso personalizado, mas igualmente na vontade de construir uma obra, cujos alicerces são prometedores. Os cinco livros já publicados são, em lugar discreto mas visível, integrados na categoria de “Cadernos de Gonçalo M. Tavares”. Esta designação, aparentemente anódina e possivelmente lúdica, é reveladora de um projecto de trabalho, manifesta a confiança do escritor nas suas capacidades criativas e sugere, mesmo não querendo, uma proposta de leitura dos textos. Trata-se, portanto, de

uma escrita amadurecida e propiciadora de uma visão do mundo, cujos contornos vão sendo formulados em cada um dos livros, perfazendo um todo coerente. Deste modo, os Cadernos já publicados anunciam os Cadernos futuros, num processo de criação literária que alia, de forma coesa, a profundidade e a extensão.

2. Embora tenha ganho um importante prémio de poesia, Gonçalo M. Tavares não é apenas poeta. Dois dos seus livros são imediatamente reconhecidos como livros de poesia: *Livro da Dança* e *Investigações. Novalis*. Os outros três são de catalogação menos evidente. *O Senhor Valéry* é um conjunto de textos narrativos curtos, quase todos ilustrados por Rachel Caiano. Mantendo a aparência de livro destinado ao público infantil, é, no fundo, um ciclo de pequenos contos protagonizados por um senhor pequenino – o senhor Valéry- que vai filosoficamente deambulando («O senhor Valéry andava sempre a pé»), movimentando-se no espaço da cidade e no espaço do livro. A personagem vai aproveitando pequenas e grandes questões do quotidiano para, num registo desconcertante ou falsamente ingénuo, tecer considerações que fazem de cada narrativa um fragmento de teor marcadamente filosófico.

O volume *O Homem ou é Tonto ou é Mulher*, podendo ser lido como um livro de poemas (não há qualquer indicação autoral acerca do género literário), é, a partir da capa, um monólogo dramático em verso. Aliás, o livro já foi transformado em texto teatral. Em *A Colher de Samuel Beckett*, encontramos textos de variadas tipologias: líricos, dramáticos, narrativos e ensaísticos, numa mescla de modos e géneros que, por um lado, justifica a designação geral de “Cadernos”, e, noutra perspectiva, dá conta da vocação de totalidade que parece conduzir o trabalho criativo do autor.

Em todos os livros de Gonçalo M. Tavares, é muito evidente a insistência num discurso de cariz filosófico que, aparentemente, pretende evitar as armadilhas de uma poesia alicerçada na retórica das “belas palavras” e na emotividade confitente. A poesia e a filosofia não são incompatíveis: Lucrecio e Alberto Caeiro, por exemplo, são dois poetas filósofos, e algo de um e outro parece emergir em certos passos da poesia de Gonçalo M. Tavares. Poderá haver, no entanto, o risco de o poema se transformar num mero exercício de destreza mental mais ou menos convincente. Creio, porém, que a poesia de Gonçalo M. Tavares não corre esse risco, porque, sendo ostensivamente uma poesia de ideias, também é, e em grande medida, um trabalho de requintado lirismo. E o

impacto mais profundo desta voz lírica resulta precisamente das tentativas de escapar, racionalmente, ao desamparo das emoções. A visão atomizada e microscópica do corpo humano – fazendo lembrar alguma poesia de Luís Miguel Nava – bem como a procura da superação da dor através do jogo irónico e do “discurso cultural” não elidem a fractura emotiva, que pode surgir em poemas como este: «Uma vez li um livro que tinha um título que ainda hoje me/incomoda. O título era: a minha necessidade de consolo é/impossível de satisfazer./Era este o título./Quem escreveu isto suicidou-se./A minha necessidade de consolo é impossível de satisfazer.// A tua necessidade de consolo é impossível de satisfazer» (*O Homem ou é Tonto ou é Mulher*, p. 66).